

ATITUDES EM RELAÇÃO À VELHICE

Uma Revisão de Literatura*

3ª Parte

Conclusões e Sugestões para pesquisa no Brasil

Anita Liberalesso NERI**

RESUMO

Este artigo apresenta conclusões derivadas de uma análise de 40 anos de pesquisa sobre atitudes em relação a velho/velhice. Trata-se de uma área atórica, em que as questões teóricas e metodológicas são permeadas por temas socioculturais e ideológico-profissionais. Existe muita confusão de termos e de níveis de análise, mais generalizações do que seria desejável e ausência de um fio condutor para a sistematização dos dados e procedimentos de análise.

A prática e a pesquisa brasileiras sobre o assunto deveria considerar os supracitados elementos e realizar uma avaliação interna de seus pressupostos, linguagem e ideologia.

ABSTRACT

This paper presents conclusions from an analysis about 40 years of research relative to attitudes toward aging/aged. It seems that it is an atheoretical research area. Its theoretical and methodological issues are permeated by socio-cultural and ideological-professional themes. There are many confusions of

(*) Texto extraído da Tese de Livre Docência da autora — *Envelhecer num País de Jovens. Significados de Velho e Velhice Segundo Brasileiros Não Idosos*. Unicamp, 1988.

(**) Faculdade de Educação — Unicamp.

terms, many misconceptions about levels of analysis, more generalization that would be desirable, and absence of a central point of view that could organize data and procedures of analysis.

Brazilian research and practice about that matter must consider these above elements and make an internal evaluation of presuppositions, language and ideology that would better guide their actions.

As informações e análises veiculadas nos artigos anteriores conduzem a uma primeira e forte conclusão: a de que os dados de pesquisa sobre atitudes em relação à velhice não permitem conclusões uniformes sobre a questão. Os dados são contraditórios, em função de divergências ideológicas e metodológicas dos pesquisadores que os produziram e analisaram. Existe uma grande diversidade de propostas metodológicas incidindo sobre diversas noções, no mais das vezes apriorísticas sobre o assunto. Essas noções abrangem desde a própria noção de categoria etária aplicada ao velho — sabe-se que ela mudou dos anos 50 para cá, em função de fatores sociais e demográficos — até concepções científicas e respeito de velhice. Neste particular, sabe-se que a Psicologia apresenta um contínuo de concepções teóricas que compreende tanto teorias do curso de vida (não normativas em termos de estágios) como teorias de estágios de desenvolvimento. A Sociologia contempla simultaneamente teorias sobre papéis etários, relações intergeracionais, desenvolvimento de família, das instituições e das ideologias, todas com influências sobre as concepções de velho e velhice.

A Gerontologia, área polidisciplinar que abrange questões ligadas ao idoso, abriga tanto concepções de base biológica, assentadas sobre a crença de que a velhice é essencialmente causada por fatores biológicos, até concepções interacionais, que consideram as relações dialéticas e/ou funcionais entre fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Mais recentemente desenvolveu-se na Gerontologia uma saudável crítica interna que, se ainda não evoluiu para um estado de aceitação geral, ao menos representa uma oportunidade para que seus praticantes revejam seus dados, indagações, teorias e preconceitos.

É contra esse pano de fundo em mudança que, nos últimos 40 anos, vem se desenvolvendo a pesquisa na área de atitudes frente ao velho/velhice. Além desses determinantes de ordem científica, há ainda os socioculturais: do pós-guerra até estes dias convivemos com profundas mudanças políticas no cenário internacional, o feminismo, a revolução sexual, os movimentos pró-direitos individuais que, se bem tenham se manifestado com maior força nos países desenvolvidos, nem por isso deixaram de influenciar nossas concepções sobre o Homem e seu destino.

A Gerontologia brasileira, se é que se pode usar essa expressão tão forte, reflete as contradições internas da área, de acordo como ocorre a nível internacional. Só que na qualidade de consumidores — e não produtores — do conhecimento que aqui chega e é divulgado com atraso. Assim, divulga-se ainda velhas noções e preconceitos, que nos países de origem datam de antes dos anos 70, como se fossem coisas recentes. Nem mesmo a onda crítica identificada como um movimento global contra o "ageism" na literatura norte-americana, teve aqui, até agora, adequado realce. Nossas práticas se identificam com aquelas fortemente ideologizadas pelo modelo médico que a Gerontologia herdou da Geriatria e tendem a ver a velhice como problema social/político/econômico, ou então como doença, a exigir providências e proteção da sociedade e do Estado.

Pois bem, é nesse quadro polarizado por contradições que se dá a pesquisa sobre o assunto em pauta. Talvez elas expliquem as confusões que mencionamos nos artigos anteriores e sumariamos no parágrafo inicial. Esperamos que o atentar para elas permita novas formas de pensar em problemas para pesquisa sobre o assunto e em interpretações dos dados obtidos.

A segunda indicação obtida da análise da literatura em apreço é que não existem evidências suficientes sobre relações entre atitudes e variáveis socioculturais e individuais. A Gerontologia romantizou por décadas, o papel e o status do velho em sociedades ditas "primitivas", "rurais" e "orientais", mas novas concepções sobre relativismo cultural, metodologia em pesquisa transcultural e modernização/modernidade social e individual, deitaram por terra muito da teorização a respeito.

Quanto à relação entre atitudes em relação a velho/velhice e fatores individuais, sabe-se hoje que a pesquisa é permeada por equívocos metodológicos, manifestos no potencial avaliativo dos instrumentos utilizados e em sua validade externa e de construto. Isto somado à ameaça representada pelo excesso de generalizações e pelo uso indiscriminado de termos (como por exemplo: velho/velhice/envelhecimento/velho como categoria social/velho como categoria etária/envelhecimento pessoal). Estes fatos se dão num quadro mais amplo, em que alguns psicólogos sociais de orientação behaviorista põem em dúvida a própria necessidade do construto atitude, como mediador do comportamento. Isto é capital para uma área que já discutia fortemente as possibilidades de prever o comportamento aberto a partir de medidas verbais de atitudes.

A terceira conclusão que se pode tirar da análise realizada é que se trata de uma área atórica, isto é, não se dispõe nem de um conjunto de evidências sistemáticas e sistematizáveis, nem de uma explicação que ultrapasse muito o status de opinião ou tendência intelectual sobre o assunto. A grande transvariação de teorias explicativas e metodologias de pesquisa das áreas voltadas para a compreensão do velho e da atuação frente a velhice, bem como a polarização cultural existente frente ao tema, talvez contribuam para complicar ainda mais as tentativas de se construir um modelo mais satisfatório sobre o assunto.

A quarta conclusão, a partir da análise da literatura, conduz à aceitação de que os instrumentos de análise, sem exceção, impõem um critério de supergeneralização por nível etário aos informantes das pesquisas. Nesse sentido, excluem a possibilidade de refinamentos sobre, por exemplo, que tipo de velho ou velhice controla suas respostas. Essa é uma questão que aflige ao pesquisador de atitudes em relação a qualquer objeto. Nem por isso a Gerontologia deve deixá-la de lado, não só como questão metodológica, como também de formação profissional de seus praticantes.

Nos Estados Unidos, na década de 70, a pesquisa sobre atitudes passou a orientar-se mais criticamente para 5 aspectos: 1) dimensões de atitudes; 2) fatores internos e

externos que afetam as predisposições dos respondentes; 3) análise interna dos instrumentos de medida; 4) relações entre atitudes e comportamento em relação a velho e velhice; 5) determinantes das atitudes. No 1º caso, ganham realce as técnicas estatísticas e fatorais, associadas ao uso de computador, para a realização de análises e simulações mais sofisticadas. Quanto ao 2º aspecto, aumenta o número de tentativas de acessar via questionamento, observação direta, meios simbólicos ou técnicas projetivas, os possíveis encobertos que controlariam as atitudes de sujeitos de pesquisa frente ao objeto velho/velhice e suas variações. O 3º ponto prevê o uso de técnicas de análise de conteúdo e análise estatística, associados a procedimentos de réplica intra e inter sujeitos. Quanto ao 4º, as providências se assemelham às do 2º tópico, tanto a nível de pesquisa básica como de aplicação. Finalmente, abundam trabalhos sobre eventos de educação informal, de aprendizagem incidental e simbólica veiculados pela TV, propaganda, literatura, artes e ciências em geral sobre atitudes em relação ao velho.

Para finalizar, sugere-se que:

1º) A pesquisa brasileira sobre o tema deva se orientar para as direções apontadas no item precedente, muito mais do que para o levantamento da qualidade e da intensidade de atitudes em diferentes grupos e extratos populacionais.

2º) A Gerontologia nacional deva realizar uma crítica interna de seus pressupostos, seu discurso e "ideologia de velhice", com vistas a refinar problemas, instrumentos e interpretações de dados de pesquisa, e a engendrar formas mais críticas de atuação educacional junto a populações mais jovens e de idosos.